

## Entre a dicotomia precursora e as novas possibilidades: divergências paradigmáticas na *Grounded Theory*

**Autoria:** Daiana Amorim Ferreira, Guilherme Lima Moura

### Resumo

Considerada um marco para a pesquisa qualitativa, a metodologia *Grounded Theory* tem apresentado diferentes versões, desde sua proposta inicial por Glaser e Strauss (1967), seguida pelo novo enfoque dado por Strauss e Corbin (1998) e a recente visão construtivista apresentada por Charmaz (2000). Essas correntes têm notoriamente expressado partirem de pressupostos bastante divergentes, muitas vezes, inconciliáveis, já que contrapõem visões de mundo. Acreditando ser bastante pertinente uma construção teórica em torno deste debate, como forma de clarificar estas perspectivas formadas, este ensaio objetiva abordar as principais discussões relacionadas a GT e como as questões paradigmáticas encontram-se envolvidas nesses embates. Espera-se compreender as características peculiares desta metodologia que motiva estas diferentes interpretações e lhe habilita a transitar entre os paradigmas.

**Palavras-chaves:** Pesquisa Qualitativa, Grounded Theory, Paradigmas

### 1 Introdução

Reconhecidamente, a tradição científica possui um histórico quantitativo, no qual a matemática foi durante muito tempo tomada como a “rainha das ciências” e os estudos de natureza menos quantificável, em particular nas ciências sociais, eram referidos sob o rótulo pejorativo de *soft science* (GUBA; LINCOLN, 1994). De forma mais recente, estudos qualitativos apresentaram um forte crescimento, tal interesse pode ser atribuído ao que Flick (2004, p.17) denomina como “pluralização das esferas da vida”. De fato, o contexto de pós-modernidade tem instigado pesquisas voltadas ao entendimento da complexidade dos processos sociais e culturais. A velocidade das mudanças, o caráter fragmentado e multifacetado das relações têm gerado maior demanda por significados, dimensão que está além do alcance dos números.

A pesquisa qualitativa é a tipologia convencional, porém não exclusiva, dos estudos interpretativistas e firmou-se como forma mais adequada de promover o acesso ao campo dos significados. Ressurgiu com maior intensidade a partir de um movimento reformista de cunho intelectual e crítico na academia, na década de 1970, dentro das ciências sociais, em resposta à insatisfação com os métodos experimentais e estatísticos (SCHWANDT, 1994). A preocupação da comunidade científica era desenvolver estratégias de investigação dos fenômenos cujas orientações não visassem à explicação e/ou à generalização, privilegiando a descrição e o entendimento dos mesmos.

O pressuposto básico assumido na investigação dos fenômenos humanos reconhece a presença de uma carga de razão, liberdade e vontade inerente aos mesmos. Deste modo, é que se estabelecem os significados às coisas e às pessoas nas interações sociais. Estes fenômenos são passíveis de descrição e análise que prescindem de quantificações estatísticas (CHIZZOTTI, 2003). A inexatidão e a presença de fatores contextualmente dependentes nesses estudos representam os maiores alvos das críticas. Esses aspectos, no entanto, não significam que os modelos sejam frágeis, inconsistentes ou subjetivistas. Os métodos de pesquisa têm sido aperfeiçoados, desenvolvendo-se fortes critérios de validação e confiabilidade, que refletem o fortalecimento desse tipo de pesquisa. Um marco nessa direção foi dado pelo desenvolvimento da metodologia *Grounded Theory* (GT), concebida por Glaser e Strauss (1967). Uma GT pode ser entendida como “um conjunto de hipóteses conceituais integradas e sistematicamente geradas para produzir uma teoria indutiva sobre uma área

substantiva” (GLASER, 2004). Seus atributos principais são o caráter altamente estruturado e seus procedimentos de coleta e análise de dados, ao mesmo tempo, simultânea, sequencial, formando uma metodologia integrada.

Após sua proposição inicial, a GT tem apresentado diferentes versões, a saber: Glaser e Strauss (1967), Strauss e Corbin (1998) e Charmaz (2000). Essas correntes têm notoriamente expressado partirem de pressupostos bastante divergentes, muitas vezes, inconciliáveis, já que contrapõem visões de mundo. Acreditando ser bastante pertinente uma construção teórica em torno deste debate, como forma de clarificar estas perspectivas formadas, este ensaio objetiva abordar as principais discussões relacionadas à GT e como as questões paradigmáticas encontram-se envolvidas nesses embates. Espera-se compreender as características peculiares desta metodologia que motiva estas diferentes interpretações e lhe habilita a transitar entre os paradigmas.

## 2 Uma grande descoberta e uma cisão sutil

A *Grounded Theory* surgiu em um momento crítico no âmbito das ciências sociais, havendo uma grande insatisfação dos pesquisadores e intelectuais da época com os métodos tradicionais de caráter quantitativo. A proposta de um processo metodológico visando gerar uma teoria pelo caminho inverso ao convencional, ou seja, oposto ao raciocínio lógico-dedutivo, representou um marco na emancipação dos métodos qualitativos de pesquisa. Essa abordagem foi desenvolvida pelos pesquisadores Barney Glaser e Anselm Strauss em um estudo sociológico sobre experiências de morte em meio hospitalar e teve sua primeira versão publicada na obra *The discovery of Grounded Theory* de 1967.

Este trabalho, de fato, deu impulso à “revolução qualitativa” vivenciada na década de 1970, que tratou de contestar o paradigma positivista e o predomínio da lógica hipotético-dedutiva. Para Charmaz (2000, p.511), o significado revolucionário da proposta de Glaser e Strauss se justifica por seu desafio: à divisão arbitrária entre teoria e prática; à visão de que estudo qualitativo seria uma etapa precursora para a aplicação de um método mais “rigoroso”; à crença de que os métodos qualitativos seriam impressionistas e não-sistemáticos; à separação das fases de coleta e análise de dados e , ainda; às suposições de que a pesquisa qualitativa estaria habilitada apenas a gerar estudos de caso descritivos em vez de teorias.

Como forma de se impor às críticas, o método foi edificado sob uma rigorosa coleta e análise de dados, utilizando grupos comparativos de controle. A alternância entre fases de indução e dedução e a utilização de vários grupos amostrais compõem um dos conceitos centrais da abordagem, a amostragem teórica. A mesma possibilita a coleta de dados selecionando indivíduos, grupos e subgrupos que indiquem deter conhecimento acerca da realidade a ser estudada (GLASER; STRAUSS, 1967, p.49). Esta técnica parte da concepção de que alguns indivíduos ou grupos possuem maior, ou melhor, informação sobre determinada categoria ou propriedade, o que favorecerá o processo de construção da mesma, permitindo a saturação, ou seja, o esgotamento das informações.

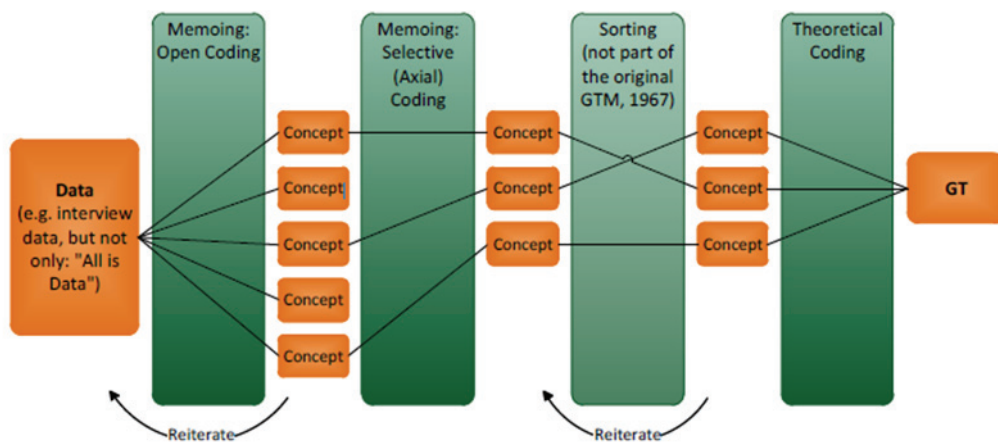
Outra estratégia essencial da GT é o emprego do método comparativo constante, que consiste na integração dos procedimentos analíticos de comparação simultaneamente ao processo de codificação na análise de dados (GLASER; STRAUSS, 1967). Seu uso auxilia no reconhecimento de padrões em certos segmentos dos dados, esses padrões são agrupados e arranjados com base nas relações que estabelecem com a teoria em construção (MERRIAM, 2009). Na obra seminal da GT, os autores descrevem quatro estágios neste método: (1) Comparação de incidentes aplicável a cada categoria; (2) Integração das categorias e suas propriedades; (3) Delimitação da teoria; e (4) Redação da teoria (GLASER; STRAUSS, 1967, p. 105).

A Figura 1 ilustra o processo contínuo de refinamento de conceitos através da interpretação iterativa dos dados – este modelo já apresenta a introdução dos novos

procedimentos incluídos por Strauss e Corbin (1998), codificação axial e seletiva. Calin e Weiss (2011) representam de forma bastante sintética a trajetória desta metodologia, em que agrupamento de ideias e padrões delinea os conceitos que evoluem até convergir em uma preocupação central dos participantes (*the core category*). Neste processo, "pedaços" de dados são codificados para identificar elementos de interesse (que podem incluir palavras simples, incidentes, frases, interpretações, etc.). Estes "pedaços" são, então, comparados entre si pelo método comparativo constante. A codificação aberta identifica as possíveis correlações de interesse nas etapas iniciais. Os conceitos levantados buscam elementos dentro dos dados que suportam ou refutam as relações hipotéticas emergentes sobre as dinâmicas identificadas no fenômeno em estudo. Na fase avançada, "pedaços" adicionais de dados são procurados para testar ainda mais estas relações emergentes no processo de amostragem teórica. Ao final, as categorias testadas integram a teoria (BLACK, 2009).

A teoria resultante é enquadrada como do tipo substantiva, que difere de uma teoria formal por apresentar um escopo mais restrito e não visar à generalização. Uma teoria substantiva explica uma realidade construída e válida para um grupo social delimitado, desse modo a explicação fornecida não se pretende absoluta (BANDEIRA-MELO; CUNHA, 2010). As teorias substantivas, em geral, estão relacionadas de modo específico às situações e suas implicações práticas (MERRIAM, 2009).

**Figura 1 Processo Metodológico da *Grounded Theory***



Fonte: Calin e Weiss (2011, p.2)

A colaboração entre Glaser e Strauss, apesar de bastante intensa e significativa, não foi muito duradoura. Pouco foi acrescentado ao modelo original ao longo do tempo, somente alguns anos mais tarde, Strauss desenvolveu alguns aspectos da GT com a colaboração de Juliet Corbin. O modelo apresentado pelos autores se distanciava sem, contudo, romper com os princípios e procedimentos originais do método. Essa sutil divergência assenta-se, sobretudo em dois aspectos principais, conforme Bandeira-Melo e Cunha (2010, p. 244): “é mais prescritiva, ao sugerir uma série de procedimentos, técnicas e uma formatação mais estruturada para a teoria gerada e; é mais específica na delimitação da pesquisa”.

Esses novos elementos foram sendo adicionados pelas publicações de *Qualitative analysis for social scientists* (1987) e pelas duas edições de *Basic of qualitative research* (1990;1998). Na parceria Strauss e Corbin (1998), foi dada maior ênfase aos métodos, os autores focaram seus esforços em empreender algo como um detalhado manual das práticas da GT, dedicando atenção às ferramentas, às etapas de codificação (aberta, axial, seletiva, matricial), à construção dos memorandos e de notas. Bryant (2009) compara a abordagem utilizada por eles a de um livro de receitas, em face ao seu apelo prescritivo, criticando ainda

que pouco fora acrescentado sobre outros aspectos mais relevantes como o papel do pesquisador ou dos participantes.

Glaser (1992) fez críticas contundentes e considerou que a versão de Strauss e Corbin fugia ao princípio básico da “imersão”. Para o autor, a teoria deveria emergir dos dados, por isso as estratégias de delimitação da investigação, como por exemplo, o uso de questões mais específicas, feria a “neutralidade” da pesquisa (BANDEIRA-MELO; CUNHA, 2010). A GT de Strauss e Corbin contrariou a visão de Glaser justamente por ampliar o caráter hermenêutico do pesquisador, destacando formas de ser chegar mais “precisamente” às vozes dos participantes, porém em suas obras não há discussão evidente sobre o posicionamento ontológico e epistemológico adotado (MILLS et al, 2006). Contudo, entende-se que a cisão entre o pensamento dos fundadores do método teve origem em divergências paradigmáticas. A seção seguinte busca apresentar esses elementos que embora implícitos permeiam os argumentos apresentados nas diversas publicações de ambos os autores e demais estudiosos da área, como também encontra suporte nas referências teóricas do método.

### 3 Investigando as raízes da divergência

O “combate teórico” iniciado com Glaser e Strauss gerou e têm gerado muitas discussões e controvérsias acadêmicas quanto à natureza paradigmática deste método. A versão reformulada por Strauss e Corbin foi repudiada por Glaser. Modelos processuais e questões preconcebidas foram então compreendidas como uma maneira de “forçar” os dados, que segundo a versão glaseriana surgem apenas com o uso da comparação sistemática. O pensamento de Glaser reflete uma visão de mundo objetivista, em que os dados são extraídos de uma realidade externa e concreta. Cabendo ao pesquisador acessar a realidade sem conceitos ou pressuposições para alcançar a verdade de seus participantes (CHARMAZ, 2000).

Principal tese de Glaser em defesa da GT clássica se baseia na questão da emergência em seu sentido estrito, o que incluiria ignorar a literatura sobre a área substantiva como medida crucial de não “contaminar” a emergência das categorias. A despeito da sofisticação do método, esta forma de se conceber o empirismo remonta ao pensamento dos primeiros filósofos das ciências naturais a exemplo de Francis Bacon e John Locke, que defendiam a posição de que era possível realizar a generalização pela simples observação de um fenômeno, mantendo-se destituído de qualquer concepção teórica. Esse modo de compreender a relação entre investigador e objeto é, portanto, característica de uma epistemologia positivista (KELLE, 2005, p.37).

Do ponto de vista ontológico, o paradigma positivista entende que há uma realidade apreensível e, portanto a investigação pode alcançar o verdadeiro estado das coisas. A epistemologia é caracterizada como dualista e objetivista, isto é, pesquisador e objeto de estudo são independentes (GUBA; LINCOLN, 1994). A visão de mundo defendida por Glaser expõe sua postura positivista tradicional, ou ingênua, em relação a GT. Muitos traços presentes na abordagem original (GLASER; STRAUSS, 1967) corroboram com a concepção glaseriana, a exemplo da terminologia empregada (amostragem teórica, coleta de dados, testes), da própria ideia de emergência e de uma investigação em aberto ao trabalho empírico. Outros traços se mostram obscuros como a utilização de *insights* (IDEM, p. 251-257) pelo pesquisador, ou então a forma flexível de utilização dos dados (IDEM, p. 161-185), entre outros que sugerem um exercício interpretativo.

Um dos pontos de maior ambiguidade está relacionado ao conceito de sensibilidade teórica. O termo aparece em Glaser e Strauss (1967) para se referir à capacidade do pesquisador para “ver dados relevantes”, ou seja, a pensar através dos dados empíricos com a ajuda de conceitos teóricos. Enxergar o que é relevante indica tanto uma habilidade como também uma tarefa do pesquisador, que deve estabelecer as conexões entre palavras, atos e

contextos dos participantes. Enquanto Glaser (1992) ainda sustenta que se deva ingressar ao campo sem ideias preconcebidas, estando dessa forma “sensibilizado” para o que os dados vão revelar – como se houvesse uma entidade chamada “dado” (MILLS et al, 2006, p.5). Por outro lado, Strauss e Corbin (1998) já passam a aconselhar o uso de uma variedade de técnicas para estimular essa sensibilidade no processo de análise. Na perspectiva destes últimos, os significados formados com os dados recebem um tratamento mais evoluído, passam a estar também vinculados à reflexividade do pesquisador. O tratamento da literatura, ao invés de ser evitado e desencorajado, constitui outra voz com qual o pesquisador pode questionar as propriedades e dimensões de seus dados com exemplos similares já registrados.

Charmaz (2000) caracteriza a GT de Strauss e Corbin como pós-positivista, destacando seu caráter prescritivo. A postura pós-positivista adota um realismo crítico e embora assuma uma realidade objetiva externa, reconhece a incapacidade de sua total apreensão (GUBA; LINCOLN, 1994). Por detalhar e sistematizar os métodos, delimitando a pesquisa a *priori*, Strauss e Corbin sugerem reconhecer essa falibilidade em capturar a realidade. Para Mills et al (2006, p.3) a linguagem empregada por estes autores revela uma mistura de pós-positivismo e construtivismo, ao empregarem termos de difícil conciliação como “reconhecendo as sugestões” e “mantendo a objetividade”. O que se observa é que aos poucos a metodologia passa a ampliar a atividade hermenêutica do pesquisador.

A natureza da divergência entre a GT glaseriana e straussiana parte então de uma dicotomia entre objetividade e subjetividade. Eis o impasse apresentado: Se a teoria está “fundamentada” nos dados deve se manter neutra do viés do pesquisador? No entanto, fica evidente que as sugestões são necessárias e inevitáveis e cumprem seu papel para a condução do estudo. Para Bandeira-Melo e Cunha (2010), a GT situa-se em posição intermediária entre subjetivismo e objetivismo, com base no modelo construído por Morgan e Smircich (1980). O Quadro 1 apresenta uma escala entre essas duas perspectivas nas ciências sociais.

**Quadro 1 – Pressupostos do objetivismo e subjetivismo em ciências sociais**

	Subjetivismo	Objetivismo
Afirmações ontológicas centrais	Realidade como projeção da imaginação humana	Realidade como discurso simbólico
Afirmações sobre a natureza do homem	Homem como espírito puro “consciência”, “ser”	Homem como ator social
Base epistemológica	Exploração da subjetividade pura	Análise simbólica
Métodos de pesquisa	Fenomenologia	Interacionismo simbólico
		Positivismo
		Experimentos e surveys

Fonte: Bandeira-Melo e Cunha (2010, p.245) adaptado de Morgan e Smircich (1980)

A GT apresenta uma abordagem peculiar, pois difere do extremo subjetivismo em que as experiências subjetivas são mais importantes que a interpretação do pesquisador. Nesta abordagem, espera-se que o pesquisador interprete os dados, fornecendo uma explicação sobre o comportamento coletivo. Essa interpretação é garantida pelo uso de diversas fontes como entrevistas, observação, documentos, não se limitando apenas a perspectiva dos participantes (BANDEIRA-MELO; CUNHA, 2010).

A análise simbólica é, de fato, a chave para compreender a essência do método, pois consiste em sua estratégia básica para acessar os significados produzidos pelos grupos. A seção seguinte aborda as raízes conceituais que embasam a GT, seu choque com a concepção empirista-indutiva, tratando também da particularidade de sua lógica inferencial.

#### 4 A influência do Pragmatismo e do Interacionismo Simbólico

Anselm Strauss teve uma sólida formação na Escola de Sociologia de Chicago, berço das tradições filosóficas do interacionismo simbólico e do pragmatismo norte-americano. Bryant (2009) destaca duas figuras centrais que provavelmente influenciaram a contribuição dada por Strauss para a metodologia GT: George H. Mead (1863-1931.) e John Dewey (1859-1952). Mead e Dewey pertenceram à mesma corrente filosófica conhecida como pragmatismo, os dois conviveram na Universidade de Chicago e suas obras se complementam em muitos aspectos, não apresentando, enquanto pragmatistas, oposições significativas, sobretudo na compreensão de que os seres humanos são mais bem compreendidos em relação ao seu ambiente (NELSON, 1998). Para os pragmatistas, o conhecimento existe na forma de afirmações ou teorias as quais são vistas como instrumentos ou ferramentas (BRYANT, 2009), por isso, é também comum o uso da expressão instrumentalismo. Na epígrafe de Strauss e Corbin (1998), há uma citação de Dewey extraída do livro *Art as experience* (1934), o mesmo autor também é mencionado na introdução do último livro de Strauss (*Continual permutations of action*, 1993) como influência de seu desenvolvimento intelectual.

A perspectiva conhecida como interacionismo simbólico é definida por Maines (1997, p.2) como “uma versão sociológica do pragmatismo, centrada na comunicação humana e suas consequências”. Assim do mesmo modo que, para os pragmáticos, as teorias necessitam de uma “aprovação empírica”, o interacionismo também se configura como uma teoria da ação. O interacionista entende que o estudo adequado de coletividades humanas se dá pelo estudo da atividade humana. A análise simbólica se concentra na atuação coletiva para investigar os fenômenos sociais, culturais e emocionais.

A diferença é uma questão de estar ontologicamente correto: estruturas, necessidades emocionais, e todos os imperativos culturais existem, mas eles só existem como formas de atividade humana. Em outras palavras, as estruturas não "agem"; e sim, as pessoas agem e alguns aspectos de sua atividade reproduzem as próprias estruturas em que as suas atividades têm lugar (Blumer, 1962). Esta é uma posição muito defendida pelos pragmáticos, pelo menos, desde o famoso ensaio de John Dewey (1896) sobre o arco reflexivo, e que mais recentemente tem sido expressa por Giddens (1984) como teoria da estruturação (MAINES, 1997, p.3).

Em linhas gerais, o interacionismo simbólico pode ser definido como o processo de interação na formação de significados para os indivíduos. Esta abordagem sociológica foi proposta por Herbert Blumer, um discípulo de Mead, sendo o primeiro responsável pela propagação e desenvolvimento das principais ideias de seu mentor (NELSON, 1998). Schwandt (1994, p. 124) comenta brevemente sobre os três princípios fundamentais definidos no modelo Mead-Blumer. São estes: o significado, a linguagem e o pensamento. O primeiro entende que os seres humanos agem em relação às pessoas e às coisas com base nos significados que eles atribuem às mesmas. Em segundo lugar, está a faculdade da linguagem que oferece meios para negociar seus significados por meio de símbolos. O pensamento, por sua vez, é o princípio que modifica a interpretação dos símbolos de indivíduo para indivíduo.

A influência dessas correntes na proposição metodológica da GT aparece de duas formas. Primeiro, pela rejeição à ideia de que a verdade científica reflete uma realidade externa independente, ao afirmar que esta resulta tanto do ato de observação e de um consenso emergente dentro de uma comunidade de observadores. Em segundo lugar, pela ênfase ao simbólico e o caráter social do pensamento e do comportamento humano, contrária

às posições mais objetivistas como a behaviorista cujo foco são as manifestações a estímulos externos. A proposta fundamental da GT é colocar o processo interpretativo através do qual os indivíduos apreendem uma realidade subjetiva no centro da investigação científica social (BLACK, 2009).

É importante, a essa altura, considerar que essas bases teóricas podem subsidiar em boa parte a compreensão da cisão entre os fundadores da GT. Ao unir os pressupostos filosóficos do pragmatismo e do interacionismo simbólico de Strauss às concepções epistemológicas de Glaser e seu vasto conhecimento (dos termos metodológicos, da lógica indutiva e sua capacidade em conceber um modelo sistemático), a GT empreendeu uma tentativa de desenvolver um método que desfrutasse do mesmo rigor científico que as abordagens quantitativas tradicionais da época. Essa mistura acarretou na ambiguidade de suas estratégias, que consistem em combinar princípios empíricos inspirados nas ciências naturais para analisar processos interativos, que se manifestam da intersubjetividade dos indivíduos.

Esse empirismo e indutivismo ingênuo, presente na versão clássica e sustentada até hoje nas publicações de Glaser (ver o periódico editorado pelo autor no sítio *groundedtheoryreview.com*), é uma posição epistemológica de pouca sustentação basicamente desde as críticas feitas por Immanuel Kant. Cultivar o pensamento de que se pode se aproximar de uma realidade tal como ela é consiste em uma postura que não desfruta de boa reputação na epistemologia contemporânea. No caso da GT, além disso, une-se a inviabilidade de uma estratégia de uma mente aberta, que se sugere vazia, à dificuldade de manipular os dados para que emergjam as categorias. Uma evidência dessa complexidade é que o processo de codificação aberta pode torna-se extremamente longo e cansativo, principalmente na versão linha-a-linha. Demonstra, assim, o papel importante do conhecimento teórico para que se estimule a reflexão (KELLE, 2005).

Para Reichertz (2010), Strauss e Corbin dão pistas sobre essa questão de construção ou reconstrução realizada pelo pesquisador em face aos dados. Analisando a vertente straussiana de GT, aquele autor propõe que a lógica inferencial da GT é abdutiva e não indutiva como tradicionalmente se acredita. Sua tese contribui para uma melhor compreensão da construção empírica da GT. Assim, a controvérsia Glaser-Strauss pode ser caracterizada, pelo menos em parte, como entre a indução e abdução.

A abdução é uma lógica inferencial adotada por Charles Peirce, um dos principais nomes no pragmatismo norte-americano. Por meio dela uma conclusão mais ampla pode ser alcançada com base em certos dados. A inferência é definida por conter a melhor explicação para os dados, isto é, oferecem uma ordem na qual os dados se encaixam. O que se tem logicamente não é uma função de verdade, mas antes uma relação de causalidade. O mais importante é obter uma explicação que resolva os problemas práticos, mesmo que provisoriamente. A inferência abdutiva não é, portanto, um modo de raciocínio que proporciona novos conhecimentos, e nem é um método exato que auxilia na geração de hipóteses logicamente ordenadas (e, portanto, operacionalizáveis) ou alguma nova teoria. Inferência abdutiva é, sim, uma atitude em relação a dados de e para o próprio conhecimento (REICHERTZ, 2010, p.)

A descoberta de uma ordem abdutiva, por conseguinte, não é um reflexo (puro) da realidade, nem reduz a realidade aos seus componentes mais importantes. Em vez disso, as encomendas obtidas são construções mentais com que se pode viver confortavelmente ou menos confortavelmente. Abdução é algo que todos nós fazemos, quando há uma crise ou quando não sabemos o que fazer a seguir. Para muitos fins, as construções particulares são de uso, e para outros fins, diferentes construções são úteis. Por esta razão, a busca de ordem nunca é definitivamente concluída e é sempre realizado provisoriamente. Enquanto a nova ordem é útil na realização de uma tarefa que é permitido permanecer em vigor: se o valor é limitado,

as distinções devem ser feitas e, se ele se mostra inútil, ele é abandonado. Neste sentido, as ordens abduktivamente descobertos não são nem (preferencial), nem construções (válidos) reconstruções, mas utilizável (re) construções.

Ao se relacionar alguns conceitos da GT já explanados ao longo deste ensaio, tais como a noção de teoria substantiva, a sensibilidade teórica e a concepção pragmática, notar-se-á que seu processo metodológico realiza a reconstrução dos dados, oferecendo por meio de seu refinamento/seleção uma explicação que esteja coerente a esses dados (ver os critérios de validade da teoria – *fit*, *relevance*, *workability* e *modifiability*). Delineia-se, dessa forma, o exercício interpretativo daquele que realiza essa reconstrução, demonstrando como se dá a influência desses dois elementos implícitos, a lógica abduktiva e, por conseguinte, a hermenêutica.

Para Reichertz (2010), o modelo original já apresentava esses elementos, e ao serem desenvolvidos por Strauss, levou a divergência de seus co-criadores. Mills et al (2006) colocam a abordagem de Strauss e Corbin em termos de uma GT evoluída. A metáfora de uma espiral é utilizada para caracterizar as mudanças que insurgiram. Mudanças que não provocaram um rompimento de seus princípios centrais, mas aperfeiçoaram seus procedimentos, inclinando-se, de fato, para suas bases teóricas. O grande trunfo da metodologia GT está em seu potencial sistemático e a flexibilidade de sua aplicação. É em favor dos benefícios do método para os estudos qualitativos em geral que uma terceira corrente vem ganhando espaço nos debates, a GT construtivista.

## 5 A proposta construtivista, para além de um método

Por volta da década de 1990, enquanto se avolumavam as discussões entre as versões glaseriana e straussiana, sem que se apontasse alguma expectativa de consenso quanto a um modelo acabado e definido de GT, uma terceira possibilidade surgiu para contrapor ambas, a GT construtivista. Proposta pela socióloga Kathy Charmaz, este novo modelo se propõe a evidenciar “as estratégias construtivistas já discerníveis em Strauss e Corbin” (MILLS et al, 2006, p.3), oferecendo uma reinterpretação sobre a natureza da relação entre pesquisador e participantes. Tal como o positivismo e o pós-positivismo, o paradigma construtivista tem seus próprios pressupostos sobre a realidade e o processo de conhecer. Nessa perspectiva entende-se que a construção do conhecimento ocorre como resultado das interações humanas, tendo a ação social como enfoque, situando-se desse modo em oposição às concepções objetivistas e essencialistas.

Construtivistas dão ênfase ao caráter pluralista e plástico da realidade – pluralista no sentido que a realidade é expressa em uma variedade de símbolos e sistemas de linguagem, e plástico no sentido em que a realidade se alonga e se molda para se ajustar aos atos propositais de agência humana intencional (SCHWANDT, 1994, p.125).

Dada suas bases, uma abordagem construtivista da GT passa a reconhecer o aspecto transacional e subjetivista entre investigador e objeto da investigação, o que significa que o conhecimento produzido não seria resultado de captura/coleta, e sim de criação (GUBA; LINCOLN, 1994). A visão construtivista de Charmaz sobre a GT refuta, portanto, as noções de emergência e objetividade defendidas pelos proponentes do método. Para a autora, apenas os dados não oferecem uma janela para a realidade, de modo que a mesma surge de um processo interativo que é temporal, cultural e contextual. As construções individuais são legitimadas e refinadas pela interação entre pesquisador e pesquisado, o que rejeita o *status* de objetividade dos dados, na verdade, “dados são construções narrativas, eles reconstróem a experiência, eles não são a experiência em si” (CHARMAZ, 2000, p.514).

Visto isso, esta vertente não aceita que a teoria simplesmente emergja dos dados, mas da interação do pesquisador com esses dados. A circularidade inerente ao método (fases de coleta e análise) faz com que as interpretações sejam orientadas pelos dados, e esses, por sua vez, pelas interpretações. O papel do pesquisador passa a ser central, ainda muito mais amplo do que Strauss e Corbin (1998) já sugeriam. As diretrizes presentes no *Basics*, com sua prescrição e didatismo, demonstravam a preocupação exatamente em refrear essa intervenção

A proposta construtivista se baseia em três argumentos: em primeiro lugar, as estratégias da GT não precisam ser rígidas ou prescritivas; em segundo, o foco no significado não demonstra limites à pesquisa, mas a necessidade de uma compreensão interpretativa; e, por fim, as estratégias da GT podem ser adotadas sem que necessariamente se abracem às tendências positivistas de seus fundadores (CHARMAZ, 2000). Na perspectiva da autora, a metodologia, permite que se vislumbre um *continuum* em que uma GT objetivista e outra construtivista são discerníveis e que podem ser optadas, conforme as crenças filosóficas sem prejuízo da qualidade de seus métodos.

Charmaz (2000, p.522) defende a GT como um poderoso conjunto de ferramentas para entender os campos empíricos e afirma que seu uso pode ser revisto em favor de uma prática “mais aberta”, propondo uma utilização mais flexível e heurística. A visão da autora é de que as pesquisas qualitativas, como a etnografia, podem beneficiar-se do rigor que o método confere. Seu modelo sistemático de análise de dados qualitativos oferece as seguintes contribuições: suas estratégias guiam o pesquisador passo a passo pelo processo de análise; a natureza auto-corretiva do processo de coleta de dados; a análise simultânea permite a descrição contextual; e a ênfase nos métodos comparativos.

Observa-se que na abordagem construtivista, as estratégias permanecem as mesmas (coleta e análise simultânea, amostragem teórica, método comparativo), o que diferencia a abordagem construtivista é o caráter da relação entre o pesquisador e pesquisado e a forma de construção dos dados. Adotar a perspectiva construtivista no desenvolvimento de uma GT corresponde a um ganho de profundidade e entendimento dos respondentes e seus mundos. Essa vertente está mais engajada na busca pelo significado, o que inclui os significados dos respondentes e dos pesquisadores. Ao estreitar a relação entre esses pólos, intenciona-se obter maior qualidade dos dados, desenvolvendo as suposições subjacentes as declarações. A busca é desdobrar o que é declarado, evidenciando as experiências (CHARMAZ, 2000).

Em *Constructivist Grounded Theory?*, Glaser (2002) manifesta seus argumentos contrários à versão proposta por Charmaz. Ele admite que na análise de dados ocorra a construção de dados e exista uma interpretação comum do entrevistador e do entrevistado, à medida que entrevistas prosseguem, mas que essas ocorrências representam uma parte muito ínfima da GT. É incisivo ao afirmar que “Não há tal coisa para GT como viés nos dados, ou dados subjetivos ou objetivos, ou dados mal interpretados (GLASER, 2002, p.1), seu argumento é que os dados não são construídos por interpretações interativas. Dentre outras críticas, ele acusa a autora de querer resolver o problema da precisão por meio de entrevistas em profundidade, que são um tipo de entrevista utilizada em situações muito específicas, que representam apenas uma parte da GT. Muitas das entrevistas em GT seriam mais um tipo de escuta passiva e, só mais tarde, durante as perguntas na amostragem teórica se tornam direcionadas a outros participantes com base nas categorias emergentes. Para Glaser (2002) a interferência pessoal na coleta, relatórios e codificação dos dados é inevitável, mas ocorre por uma limitação humana, não sendo adequado chamar a isso de dados construtivistas. A GT clássica, defendida pelo autor enxerga a construção com um papel muito pequeno no método como um todo, sustentando novamente a possibilidade de passividade e imparcialidade do pesquisador perante o campo empírico.

Para Bryant (2003) os argumentos de Charmaz (2000) foram bastante claros, estabeleceram simplesmente uma distinção entre conceitos objetivistas e construtivistas da

GT. O primeiro assume a realidade de um mundo externo, tomando como verdadeiro a existência de um observador neutro, e categorias vistas como derivadas dos dados. O segundo "reconhece que o observador cria os dados e a análise subsequente através da interação com o que é observado (CHARMAZ, p.523) ", não prescrevendo a visão construtivista como a única válida. A Tabela 1 apresenta uma síntese das correntes de GT discutidas ao longo deste ensaio, destacando-se os pressupostos assumidos em cada uma.

**Quadro 1 – Pressupostos das diferentes versões de GT**

Postura	Positivista	Pós-positivista	Construtivista
Defensores	<i>Glaser</i>	<i>Strauss e Corbin</i>	<i>Charmaz</i>
Pressupostos	Realidade objetiva e externa; Observador neutro que descobre os dados; Papel reduzido das questões de pesquisa; Obtenção objetiva dos dados.	Assume os pressupostos do positivismo (realidade externa e objetiva); Reconhece a intervenção do sujeito; Ênfase nas técnicas e procedimentos para minimizar a intervenção.	Assume o relativismo de múltiplas realidades sociais; Reconhece a criação de conhecimento pelo observador e observado; Visa à compreensão interpretativa dos significados dos sujeitos.

Elaborado pela autora a partir de Charmaz (2000)

A proposta construtivista apresenta-se como uma alternativa que busca flexibilizar os procedimentos metodológico para uma prática interpretativa de GT. Mostra-se coerente com os princípios teóricos que embasam o método e não contratariam, antes adaptam, suas estratégias, alinhando-a a seu objetivo que estudar os indivíduos em seus contextos naturais. A manutenção da postura positivista – de distanciamento, passividade, antissubjetiva – retira o protagonismo do pesquisador e seu potencial em desenvolver as experiências dos participantes. A GT construtivista remedia as fraquezas conceituais e põe fim as ambiguidades que a abordagem original carregava.

## 6 Considerações Finais

A “descoberta” da *Grounded Theory* significou uma grande contribuição para a pesquisa qualitativa, entendendo sua então busca por legitimidade em um contexto em que predominavam critérios de cientificidade baseados em precisão e controle. O mérito, além do impulso histórico que representou, dá-se também pela qualidade das estratégias metodológicas. O processo sistemático de análise de dados constitui ferramentas aplicáveis a diversos métodos qualitativos, nesse sentido, citam-se os estudos de caso (MERRIAM, 2009), as etnografias (CHARMAZ, 2000). Comparação constante e amostragem teórica conduzem a pesquisa com mais rigor e viabilizam a formação de modelos explicativos de maior consistência. O caráter em aberto do processo permite o surgimento de diversas possibilidades conceituais, que vão sendo refinadas tendo o próprio campo empírico como ponto de partida para a seletividade.

Este ensaio tentou atacar um aspecto bastante problemático para qualquer pesquisador que pretende utilizar a GT: entender as características e implicações das três abordagens que se apresentam na literatura. Tendo em vista que compreender a natureza que as distingue, torna-se essencial para uma aplicação coerente aos propósitos de um estudo. Discutiu-se, portanto, como as questões paradigmáticas estavam intrincadas com as divergências entre os

modelos propostos. A GT clássica ou glaseriana cujos pressupostos ontológicos e epistemológicos assentam-se ao positivismo tradicional pela crença na realidade externa e na capacidade de captura dos fenômenos humanos por meio de um empirismo e um indutivismo que remontam aos moldes das ciências naturais. A GT de Strauss e Corbin que marcadas pelo tom prescritivo e didático reconhecem em seus procedimentos apenas uma possibilidade de aproximação do fenômeno, mas que ainda exhibe traços de uma postura objetivista em que pesquisador e participantes, e por isso, relacionada ao pós-positivismo. E por fim, a GT construtivista de Charmaz, que se propõe a uma releitura das estratégias do método, sugerindo o uso flexível de seu modelo sistemático para as pesquisas interpretativistas.

Ao expor as crenças e pressupostos que, de forma implícita ou não, perpassam as abordagens da GT não se pretendeu atribuir qual visão seria a mais adequada, já que não há uma versão certa ou errada, uma vez que representam visões de mundo distintas. A ciência desses elementos visa dar suporte aos estudiosos, quando da opção metodológica cujos critérios repousam na natureza e no problema da investigação empreendida. Não obstante, esta breve explanação sobre o tema levantou questões para reflexão, apontando pontos de ambiguidade presentes no método, em suas bases teóricas e em seus fundamentos lógicos. Entende-se que a GT tem se desenvolvido, embora à custa de divergências, seu aparato metodológico tem se demonstrado usual e pertinente a diversas áreas do conhecimento. Em virtude da originalidade e da versatilidade de seu modelo, é que se advoga em favor de ambas as práticas – objetivistas, mas sobretudo, subjetivistas – em virtude do crescente que os estudos interpretativistas têm vivenciado nas últimas décadas, marcando uma nova fase no fazer científico.

### Referências

- BANDEIRA-DE-MELLO, R.; CUNHA, C. A. Grounded theory. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (Org.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006. cap. 8, p. 241-266.
- BLACK, N. M. *Blood money: a grounded theory of corporate citizenship, Myanmar (Burma) as a case in point*. 2009. 551f. Tese (Doctor of philosophy in strategic management) - The University of Waikato, Te Waananga o Waikato. 2009.
- BRYANT, A. A Constructivist response to Glaser. *Forum: Qualitative Social Research*. v. 4, n. 1, 2003.
- BRYANT, A. Grounded theory and pragmatism: The curious case of Anselm Strauss. *Forum: Qualitative Social Research*. v.10, n. 3, art 2, set. 2009.
- CALIN, M.; WEISS, S. *What is grounded theory?* ETH. University of St. Gallen. Nov. 2011. Disponível em: <www.tim.ethz.ch> Acesso em: 15 out. 2012.
- CHARMAZ, K. Grounded theory: objectivist and constructivist methods. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). *Strategies of qualitative inquiry*. 2 ed. London: Sage Publications Limited, 2003. p. 249-291.
- CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, v.16, n. 2, p. 221-236, 2003.
- FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução de Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

- GLASER, B. G. *Basics of grounded theory analysis*. Mill Valley, CA: Sociology Press, 1992.
- \_\_\_\_\_. Constructivist grounded theory?. *Historical Social Research/Historische Sozialforschung. Supplement*, v. 3, n. 3, 2007. p. 93-105.
- GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. London: Aldine Transaction, 1967.
- GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Competing paradigms in qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994. p. 105-117.
- KELLE, U. Hacer "emerger" o "forzar" los datos empíricos? *Forum: Qualitative Social Research*. v.6, n. 2, 2005.
- MAINES, D. R. Interactionism and practice. *Applied Behavioral Science Review*, v. 5, n. 1, p.1-8, 1997.
- MERRIAN, S. B. *Qualitative research: case study, applications in education*. San Francisco: Jossey-Bass, 2009. 304p.
- MILLS, J.; BONNER, A.; FRANCIS, K. The development of constructivist grounded theory. *International journal of qualitative methods*, v. 5, n. 1, 2006.
- NELSON, L. D. *Herbert Blumer's Symbolic Interactionism*. University of Colorado, 1998. Disponível em: <<http://www.colorado.edu/communication/meta-discourses>>. Acesso em: 20 jun 2012.
- SCHWANDT, T. A. Constructivist, interpretivist approaches to human inquiry. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1994. p. 118-137
- STRAUSS, A. L.; CORBIN, J. *Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques*. 2 ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.